



Um livro de artista para o design  
gráfico da discoteca básica de três  
grupos brasileiros, 1968-1974

**LUISA VIEIRA LOPES RUIZ**



UBERLÂNDIA  
2022

# **Um livro de artista para o design gráfico da discoteca básica de três grupos brasileiros, 1968-1974**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia para obtenção do título de Bacharel em Design.

Luisa Vieira Lopes Ruiz

11711DIT039

ORIENTAÇÃO: Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz

## **Agradecimentos:**

Ao finalizar esse período me orgulho dos processos passados para chegar até aqui, e me recordo a motivação de ingresso nesse curso tão plural e diverso.

À minha família, de onde cada um estava me acompanhou, à minha mãe pelo ensinamento de vida, ao meu irmão por cada incentivo, ao meu pai (In Memoriam) que nunca deixou de estar presente. Às minhas avós, pelos pés cansados que tanto me inspiram.

À Victorya Prata, pelo amor e companheirismo de vida. Seu apoio e olhar foram imprescindíveis para que eu chegasse até aqui, minha eterna gratidão e amor.

À minha amiga Julia Vaz, por todos os anos de cumplicidade e amizade, a vida se torna mais leve com você. Às minhas amigas que fiz na faculdade, Isabella Medeiros, Julia Bueno, Julia Morais, Rafaella Souza e Thalita Vitória, o grupo mais improvável e melhor presente que poderia ter recebido, não teria conseguido sem vocês.  
Ao Tobias, pelo aconchego.

Ao meu orientador, Lu, Prof. Dr. Luiz de Laurentiz, pela atenção e liberdade no processo criativo, obrigada por me acrescentar tanto nesses anos

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiane Alcântara, por ter me iniciado na vida acadêmica, me dado gosto pela pesquisa, compartilhado o amor pelos livros e me deixado ainda mais apaixonada pelo Design. Você é importante parte na minha formação como profissional e como pessoa.

Aos meus professores da UFU que me trouxeram até aqui, vocês me inspiraram a ser uma futura pesquisadora em Design.

OBRIGADA.



## **Sumário:**

### **Apresentação**

#### **Lado A**

Introdução

Motivação

Objetivos

Objetivo Geral

Objetivos Específicos

Metodologia

#### **Referencial teórico**

Livro de Artista

Tendências do Livro de Artista no Brasil

Contracultura.

.Movimento Tropicalista.

Os Mutantes

Secos e Molhados.

Novos Baianos

#### **Lado B**

#### **Desenvolvimento do Projeto**

Ferramenta de Criatividade

Análise de Similares

Geração de ideias

Moodboard

Paleta de Cores

Tipografias

Elementos Gráficos

Grid/Composição

Bonecos

Desenho Técnico

Prototipagem

Memorial descritivo técnico

Conceito

Projeto

#### **Considerações finais**

#### **Referências Bibliográficas**

# Lado A

# Um livro de artista para o design gráfico da discoteca básica de três grupos brasileiros, 1968-1974

## **Introdução:**

Nesta pesquisa será estudado o Livro de Artista, desde sua origem com Steffannè Mallarmé até suas vertentes brasileiras, na poesia concreta. O Livro aqui, será utilizado como suporte para o recorte da Contracultura, entre os anos de 1968 e 1974, analisando o Movimento Tropicalista e os três grupos musicais:

Os Mutantes, Novos Baianos e Secos e Molhados.

A Contracultura será o tema de maior importância neste estudo, a contar das influências pós Segunda Guerra, a geração Beat, o movimento hippie, chegando na Ditadura Militar Brasileira e atingindo a nossa Tropicália, influências e repercussões, principalmente nas capas de discos brasileiros e sua representação gráfica, enfatizando a ocorrência de princípios contraculturais disseminados através do design gráfico. Como resultado dessa pesquisa, o Livro de Artista será no formato de encarte de disco LP, inspirado no design da época da Contracultura e seu contexto.

## **Motivação:**

A primeira motivação para essa pesquisa, é de caráter subjetivo, através de inúmeras experiências pessoais, e influências de visões de mundo, que tornaram interessantes a opção pelo assunto. A segunda, de caráter teórico, desde a disciplina “Tópicos Especiais em Design – Geléia Geral”, lecionada pelo Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz, em que foi estudado o design na época da Tropicália, me interessei pela relação do design gráfico da indústria musical como forma de expressão cultural, e também, a partir de pesquisas feitas no Grupo de Estudos do Livro, o GEL sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristiane Alcântara, foi desenvolvido um Livro de Artista, o que me permitiu ampliar a visão sobre as possibilidades do design gráfico e editorial. Somado a essas motivações à cultura ao objeto, a proposta dessa pesquisa é produzir como resultado um livro de artista, no formato de encarte de LP ‘s, demonstrando de maneira visual e prática as reflexões a serem estudadas.



## **Objetivos Gerais:**

Analisar, a partir do contexto das décadas de 60 a 80, as influências e repercussões das capas de discos brasileiros e sua representação gráfica, enfatizando a ocorrência de princípios contraculturais disseminados através do design gráfico. Será feito um recorte entre 1968 e 1974, dentro dessas décadas, a fim de demonstrar a contracultura e seus desdobramentos, em três grupos musicais, os trios: **Os Mutantes, Novos Baianos e Secos e Molhados.** Criar por meio do design gráfico editorial, um livro de artista, como produto resultado dessa pesquisa.

## **Objetivos Específicos**

Refletir sobre a influência do manifesto contracultural da história brasileira;

Estudar o design gráfico entre 1968 e 1974;

Desenvolver um Livro de Artista inspirado na Contracultura brasileira;

Criar um projeto de encarte para LP.

## **Justificativa**

Estudar sobre a Contracultura – o desbunde, o Tropicalismo, toda a revolução musical brasileira vivida em um contexto que marcou e manchou a história do Brasil entre 1968 e 1974, da Bahia a São Paulo. Incentivada pelo espírito transgressor e inspirada pela psicodelia da época, buscando criar um Livro de Artista, que conte sobre o que foi vivido e sentido através de LP.

## **Metodologia:**

Essa pesquisa se dará inicialmente com referencial teórico introduzindo o tema Livro de Artista, explanando a época, a origem e as referências brasileiras. Além disso, estudaremos a Contracultura, o contexto teórico a as bandas escolhidas. E também, o processo de design para a feitura do produto final registrando as etapas, se inspirando no atual item de colecionador, os LP's.

Esse estudo se baseia em referências teóricas como o livro “Anos Fatais - design, música e tropicalismo”, o mestrado “Contracultura Musical Brasileira: Movimentos e Particularidades” e outros artigos e pesquisas de apoio tanto sobre a época estudada quanto sobre cada grupo a ser trabalhado.

## **Referencial Teórico:**

O livro de artista, no Brasil, embora já venha há anos sendo pesquisado, não obstante está relacionado muito com seu conceito, neste trabalho, utilizamos dos estudos do desenvolvimento do livro de artista e suas categorias para estruturar o outro campo de pesquisa, a Contracultura, manifestação ideológica, social e cultural contrária à sociedade da época.

Stefannè Mallarmé, foi um poeta e crítico do livro, desde seu conteúdo e como objeto, quanto a forma da letra, da palavra e sua disposição. Deixou manuscritos compilados poéticos inovadores e na segunda metade do século XIX os teve publicados por Jacques Scherer em “O Livro”. De acordo com Cristiane Alcântara, Mallarmé, como “...poeta considera a estrutura do livro, assim como da palavra, como importante objeto de poética, o que o faz, ainda sobre o viés da genialidade, a partir daquilo que lhe seja prioritariamente externo.” (ALCANTARA, p.36, 2017)

É Mallarmé o disruptivo ao propor que o livro não teria nem início nem fim, para o poeta o livro faz parte de uma circunstância, do contexto poético, como objeto metonímico. Para Alcântara, “o poeta vê as palavras como imagem, associa a ideia e o conceito das coisas como um todo, reflete sobre a relação entre palavras, imagem, voz e espectador. Se propõe a inverter os papéis dando autonomia para os elementos, fazendo com que haja liberdade para o novo autor recombina as formas.” (ALCANTARA, 2017, p. 44)

Após a publicação de Scherer, influenciado por Mallarmé, Julio Plaza escreveu o artigo “O livro como forma de arte”, em 1982, inspirado no Concretismo e no Modernismo. Para Plaza, a materialidade pode estar na forma, na escrita, na letra, no livro, em uma composição metafísica, ou seja, o livro como uma montagem de espaço temporal. Segundo Nannini, Julio Plaza foi o primeiro a classificar, categorizar e divulgar o Livro de Artista em 3 montagens – a sintática, a semântica, e a pragmática:

“Julio Plaza foi pioneiro ao publicar o artigo O livro como forma de arte (1982), colocando à nossa disposição uma série de ferramentas para classificar e começar a entender o Livro de Artista. Plaza demonstra que o Livro de Artista poderia se apresentar em três tipos de montagem: a sintática, onde a mensagem estética é voltada para si mesma, aparecendo nos livros que tem seu suporte como forma significante, ou seja, onde existe interpenetração entre a informação e o suporte, como no livro-objeto, e a estrutura espaço-temporal do livro é levada em conta, sendo intraduzível para outro sistema ou meio; montagem semântica (colagem) ou montagem por contiguidade, caso dos livros ilustrados; e montagem pragmática ou bricolagem, onde ocorre a mistura de elementos provenientes de outras estruturas estéticas, como nos livros formados por documentos e publicações coletivas. Plaza também construiu um diagrama onde pretendia reunir todas as categorias de livros encontradas em dois grandes grupos: o sintético-ideogrâmico, formado pelo livro ilustrado, o poema-livro e o livro-poema (livro-objeto, livro-obra) e o analítico-discursivo ou livro artístico, formado pelo livro conceitual, o livro-documento e o livro intermedia. Além do antilivro, classificação fora dos livros de artistas onde a ideia do livro se esvai e extrapola para outra linguagem.” (NANNINI, 2016 p. 3-4)

Ao categorizar o Livro de Artista, podemos considerá-lo como objetos, ou seja sua estrutura física é a parte integrante do processo poético, o livro é um objeto – de arte, como uma nova linguagem entra a linear e a visual em uma narrativa plástica. São objetos de percepção verbal, visual e tátil, obras de poucas tiragens, raras, objetos de contemplação.

A palavra é inserida como um elemento plástico, levando em conta seu aspecto, sua hesitação entre o significado e seu caráter formal. –

“Não ocorre uma relação de dependência entre texto e imagem.”

(Veneroso, 2012)

“Segundo Carrión (2011: 5), um livro é uma sequência de espaços, de momentos. Um livro é uma sequência de espaço-tempo. O Livro de Artista explora sempre as características estruturais do livro, sendo a soma de todas as páginas percebidas em momentos diferentes.

As páginas funcionam como espaços ativos para a construção da obra, fazendo parte do processo poético, uma vez que podem gerar significações próprias.” (NANNINI, 2016 p. 4)

O ideal ao ler um livro de artista é utilizar, de forma imparcial, todos os sentidos, tatear, olhar, explorar, voltar, o expectador inicia o processo de leitura, essa nova forma de expressão é explorada de forma diferente do que no único livro oral. Há uma importância visual dada ao visual ao espaço em branco da página, em que imagem, signos, palavras

dançam independentes e juntos, lembrando conceitos da Poesia Concreta. O diálogo entre as artes visuais e a literatura do séc XX contorna a narrativa dos livros como objetos de arte desde as vanguardas artísticas. No “Brasil Concreto” de 1950 e 1960, a preocupação com o verbal e sua estrutura virtual era com os signos gráficos na poesia. Em 1952, um grupo de poetas é formado em São Paulo, por Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Augusto de Campos e, posteriormente, por Ronaldo Azeredo e José Lino Grünewald para escrever o plano piloto da poesia concreta – Noigandres: livros objeto com muita justaposição, correlação, escrita ideográfica, fatores gestálticos e semelhança visual, os Poemóbiles, 1968, de Augusto de Campos são um exemplo:



Fig. 1

Impossível. Arquivo Augusto de Campos

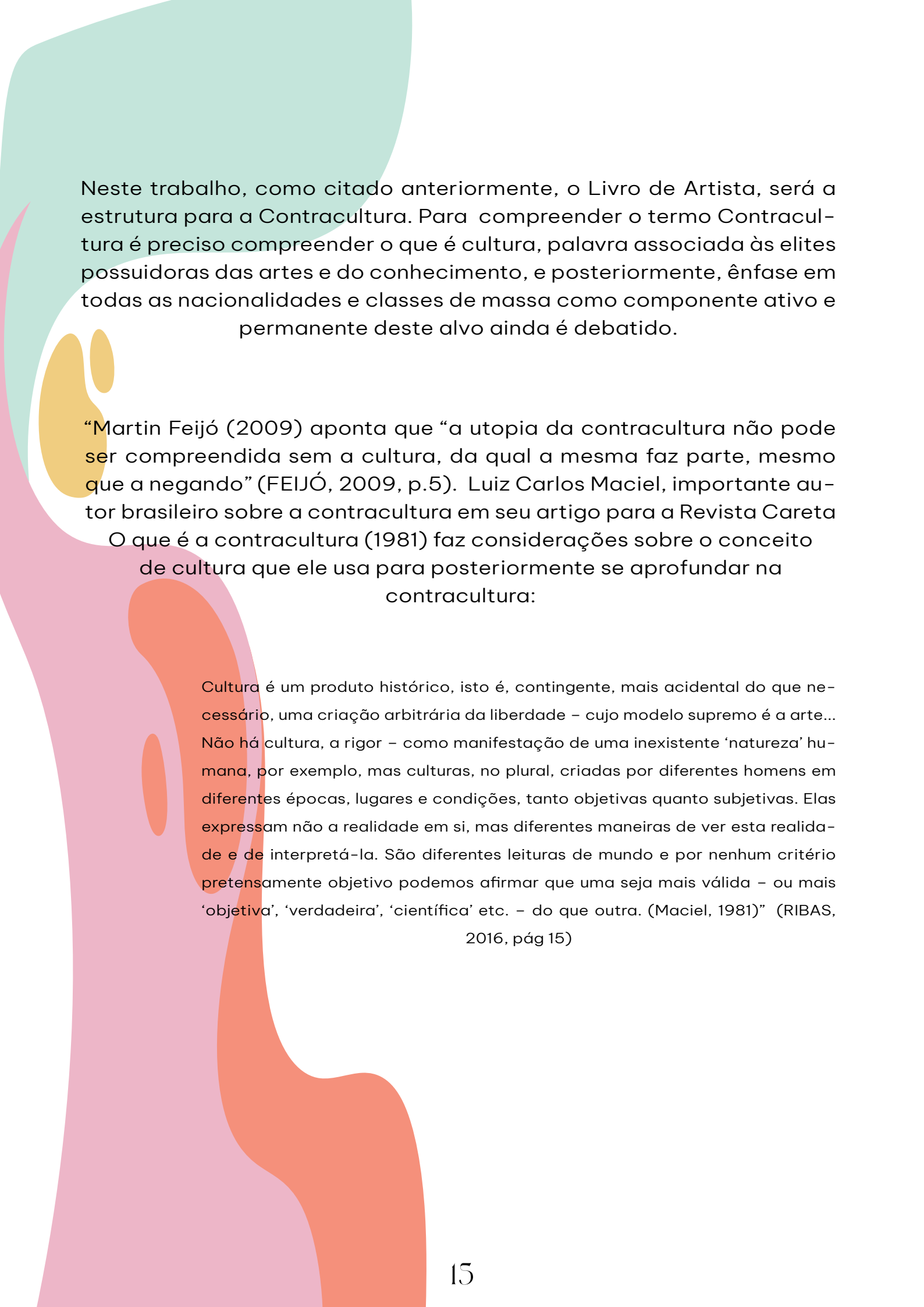
Reprodução. Revista Rosa.

Disponível em: <https://revistarosa.com/3/entreabrir>

Acessado em 16 jan 2022.

“Nos anos 50, momento em que se firma no Brasil a concepção de livro de artista, os artistas plásticos serão precedidos pelos poetas concretos e neoconcretos, os quais, privilegiando a imagem gráfico-espacial como forma, enfatizam a presença de elementos visuais em seus poemas-objeto. Se a poesia concreta revaloriza a palavra como estrutura significante essencial, colocando-a num espaço específico, concebido como agente estrutural - o espaço gráfico - se leva a um novo tipo de interação, de identidade entre “forma” e “conteúdo”, se a partir dela é possível, no Brasil, pensar numa tipografia criadora, sua influência numa nova idéia de livro será mais reflexa do que efetiva, pois suas realizações não requerem necessariamente o suporte livro, podendo extrínseca-se em outras formas, como o cartaz, o filme, etc.” (COSTA, 1985, pág. 6)

Como afirma Costa, o Livro de Artista tem outras formas de expressão além da clássica conhecida. No Brasil, foi de grande divulgação da arte contemporânea, principalmente para novos admiradores que estabeleciam relações com o Livro, tornando a leitura livre, ou seja, o leitor como protagonista da arte. “O leitor torna-se, dessa forma, o programador duma espécie particular de museu, um museu no limiar da exposição real e daquela imaginária, mediado, em grande parte, pelo universo das técnicas de reprodução, propostas como a obra em si e não como o simulacro benjaminiano, destruidor da aura.” (COSTA, 1985, pág. 13)



Neste trabalho, como citado anteriormente, o Livro de Artista, será a estrutura para a Contracultura. Para compreender o termo Contracultura é preciso compreender o que é cultura, palavra associada às elites possuidoras das artes e do conhecimento, e posteriormente, ênfase em todas as nacionalidades e classes de massa como componente ativo e permanente deste alvo ainda é debatido.

“Martin Feijó (2009) aponta que “a utopia da contracultura não pode ser compreendida sem a cultura, da qual a mesma faz parte, mesmo que a negando” (FEIJÓ, 2009, p.5). Luiz Carlos Maciel, importante autor brasileiro sobre a contracultura em seu artigo para a Revista Careta O que é a contracultura (1981) faz considerações sobre o conceito de cultura que ele usa para posteriormente se aprofundar na contracultura:

Cultura é um produto histórico, isto é, contingente, mais accidental do que necessário, uma criação arbitrária da liberdade – cujo modelo supremo é a arte... Não há cultura, a rigor – como manifestação de uma inexistente ‘natureza’ humana, por exemplo, mas culturas, no plural, criadas por diferentes homens em diferentes épocas, lugares e condições, tanto objetivas quanto subjetivas. Elas expressam não a realidade em si, mas diferentes maneiras de ver esta realidade e de interpretá-la. São diferentes leituras de mundo e por nenhum critério pretensamente objetivo podemos afirmar que uma seja mais válida – ou mais ‘objetiva’, ‘verdadeira’, ‘científica’ etc. – do que outra. (Maciel, 1981)” (RIBAS, 2016, pág 15)


A Contracultura portanto é a negação dessa Cultura, uma crítica social principalmente dos jovens, da boemia *beat hippie*, dos grupos diversos que se identificam entre si em busca de liberdade, contra a imposição do Estado, contra a tecnocracia. “Como tecnocracia, Roszak refere-se àquela forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional... chegamos a sim à era da engenharia social, na qual o talento empresarial amplia sua esfera de ação para orquestrar todo o contexto humano que cerca o complexo industrial. (ROSZAK, 1972, p.19)” (RIBAS, 2016, pág 17)

De fato, esse contexto era conflituoso entre gerações entre os baby boomers pós 2ª Guerra Mundial, e seus pais, os filhos da Guerra. Os que buscavam segurança alimentar, trabalhista e familiar, e os que queriam liberdade individual, sexual e social. Liberdade, essa é a palavra da Contracultura, ao passo que pediam igualdade social, exigiam ser diferentes dos demais.

“As contraculturas são movimentos de vanguarda transgressivos. O apego contracultural à mudança e à experimentação inevitavelmente leva à ampliação dos limites da estética e das visões aceitas” (GOFFMAN e JOY, 2007, p.54).” (RIBAS, 2016, pág 19)

Essa essência começa a ser evidente em movimentos como os Beatniks na década de 1950, e mais tarde seria vista nos hippies com Flower Power. Nos Estados Unidos começava uma sociedade tecnocrática rica, com grande número de jovens formados em artes liberais e aumento do número de faculdades. Diante de um sistema tão repressivo e popularizado, uma das características fundamentais de toda a competição juvenil será a ênfase na individualidade, pois, entre outros sinais igualmente importantes, distanciará essa população jovem das formas mais tradicionais que podem ser usado para lutas políticas, muitas vezes realizadas por seus próprios pais.

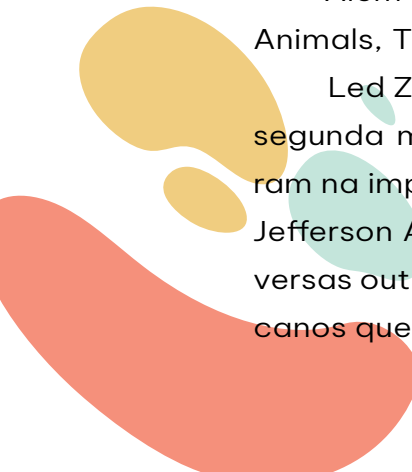




“É neste contexto que vão surgir nos Estados Unidos movimentos literários como a Geração Beat (Beat Generation) e posteriormente na música com o Rock and Roll. Como nos salienta Feijó e Santi (2012) sobre os Beatniks, estes se converteram em uma espécie de estereótipo, uma representação que definia um estilo, substituindo assim o conteúdo. Tal estereótipo não era bem visto na cultura americana, pois a figura que representava aquele momento era a do burocrata, alinhado, bem vestido, comum aos demais. Diante disso, essa forma indireta de repressão ampliava sua visibilidade e a tornava atraente particularmente para os jovens... A influência dos beats entrou anos 60 adentro influenciando artistas, escritores, cineastas, dramaturgos e jornalistas. No desenvolvimento cultural desta época, aliando a música e todas as outras formas de artes e também a mídia, há uma disseminação desta contracultura que atinge principalmente os jovens, pela música, o Rock and Roll. (FEIJÓ e SANTI, 2012. p.09) (RIBAS, 2016 pág 30)”

A banda mais famosa desse movimento, que fazia trocadilhos com a palavra beat do sentido de tocar o ritmo, eram os meninos de Liverpool, Os Beatles e a Beatlemania.

“Com o sucesso dos Beatles no território estadunidense a beatlemania estava consolidada como um fenômeno na mídia, no comportamento dos jovens e na preocupação dos adultos. Na sequência dos Beatles, outra banda inglesa ganhava os Estados Unidos, com um ar de rebeldia mais acentuado: os Rolling Stones. Neste momento se consolida a chamada “Invasão Britânica”, nome dado ao sucesso com que as bandas da Grã Bretanha fizeram nos Estados Unidos e em todo mundo a partir de 1963.



Além das citadas podemos destacar outras como The Who, The Animals, The Yardbirds, The Kinks e mais no final da década Pink Floyd e Led Zeppelin. Os Estados Unidos não ficaram atrás e a partir da segunda metade de 1960 surgiram bandas e cantores que se eternizaram na importância do rock e da contracultura. São exemplos The Doors, Jefferson Airplane, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Velvet Underground, entre diversas outras que tomariam os palcos dos grandes festivais norte-americanos que consolidaram o auge e a essência da contracultura através do movimento hippie.” (RIBAS, 2016, pág 34)



Fig. 2 The Beatles at the BBC

Impossível. Arquivo Augusto de Campos

Reprodução. Revista Rolling Stone

Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/confirmado-o-lancamento-de-gravacoes-ineditas-dos-beatles-na-bbc-em-novembro/>

Acessado em 09 fev 2022.

O movimento hippie, fortemente inspirado na geração Beat da década anterior, foi um movimento antitecnocrático por excelência. O movimento que surgiu nos EUA por volta de 1965 cresceu rapidamente e violou os valores sociais em todos os sentidos: estético, artístico, político e moral. Questionando a corrida armamentista, a Guerra do Vietnã, o consumismo. As maiores mudanças foram migrar da cidade para o campo, se reunir em comunidades ao invés das famílias e descobrir a psicodelia das drogas e do misticismo oriental.

“O estilo alternativo era contrário ao sistema político e às guerras. Com os lmas de paz e amor, e sexo, drogas e rock and roll, pregavam a livre expressão da sexualidade, e tinham as artes, especialmente a música como porta voz do movimento. As drogas eram usadas como um facilitador do autoconhecimento, tendo como referências teóricos como Timothy Leary, Aldous Huxley, Allen Ginsberg, Alan Watts e Ken Kesey. A psicodelia entra em cena associando o uso de LSD às viagens musicais proporcionadas pelo contagiante Rock and Roll.” (RIBAS, 2016, pág 36)

Depois de consolidada, a Contracultura promove o Woodstock, em agosto de 1969, com 32 bandas e aproximadamente meio milhão de hippies. Durante três dias, os maiores nomes passaram por aquele palco entoando canções de paz e amor, sexo drogas e rock and roll, dentre eles Jimi Hendrix, Janis Joplin, The Who, Joan Baez Santana, Joe Cocker e Jefferson Airplane - apesar do descontrole de pessoas, o festival foi pacífico e alimentou a da utopia contracultural da juventude da época. Enquanto nos Estados Unidos e na Europa a Contracultura já estava fervorosa, no Brasil ainda existia dificuldade de acesso à notícias além das questões políticas que vinha a seguir.

As notícias chegavam pelo jornal impresso e as músicas pelas rádios, na década de 1950. Em 60 a TV preto e branco começa a chegar nas casas brasileiras e os Long Plays de vinil de 33 rotações popularizados. Porém, ainda era difícil o acesso aos discos, os que chegavam eram em versões diferentes, e os artistas brasileiros quando eram lançados não passavam por aqui. Além disso, o país sofreu o Golpe de 1964, tendo toda e qualquer manifestação questionada. “Já nas rádios, a interferência do governo militar que tomou o poder em 1964 fazia com que a música vinda de fora fosse inimiga do nacionalismo pretendido pelos militares. Além da interferência indireta que já havia, a partir do Ato Institucional Número 5 (AI-5), a censura proibia a veiculação de determinadas músicas nas rádios, muitas delas de artistas brasileiros considerados risco ao sistema.”

(RIBAS, 2016, pág 44)

Os valores sociais e culturais da década de 60 estavam subvertidos. O patriotismo, o catolicismo, o anticomunismo e a defesa da “família tradicional” ganhavam forças, e a Ditadura Militar passava seus tanques pelos partidos de esquerda, perseguiram os movimentos dos trabalhadores que tinham seus líderes presos e torturados.

# Movimento Tropicalista

“O Tropicalismo não se prendeu só à música; uma sinergia tomava conta das várias áreas da cultura brasileira; dentre elas, artes plásticas, cinema e moda.”  
(RODRIGUES, 2007, pag 14)

Terra em Transe, filme de Glauber Rocha e Rei de Vela, com direção de José Celso - Teatro Oficina, foram os dois eventos iniciais em 1967 que influenciaram o movimento da Tropicália, termopopularizado por Caetano Veloso após absorver as ideias e estética ali contida. O termo foi usado pela primeira vez não na música mas por Hélio Oiticica, nas artes plásticas. “A obra consiste em duas estruturas, ditas ‘penetráveis’, feitas de madeira e tecido estampado com cores vivas, que lembram os barracos da favela... Oiticica se referiu à instalação como a mais antropofágica na arte brasileira”  
(DUNN, 2009, p.108). (RIBAS, 2016, pág 61)

“A juventude vivia o que viria a ser chamado de desbunde. As areias do antigo píer da Praia de Ipanema eram cenário de um dos mais bonitos espetáculos contra a ditadura barra pesada que vivíamos. As pessoas reinventam o modo de viver e o inconformismo era geral. Vivia-se a Contracultura. Uma contestação sobre a sociedade ocidental como um todo. Reivindicava-se uma liberdade individual mais ampla. O rock’n’roll, já totalmente assimilado, era mais do que uns simples acordes distorcidos das guitarras elétricas. Ele tinha se transformado em uma atitude perante a vida, na qual sexo e drogas eram protagonistas.” (RODRIGUES, 2007, pág 88)

O movimento tem grandes respingos do movimento poético-literário antropofágico de Oswald de Andrade, da poesia concreta e da cultura e estética pop internacional, de uma maneira crítica a música nacional ao mesmo tempo que reforça sua perspectiva comercial.

“A novidade aparente nas interpretações de Caetano e Gil em 1967 rompendo com as estéticas até então vigentes, acabou por constituir em 1968 o movimento tropicalista. A ideia era redescobrir e criticar a tradição, segundo a vivência do cosmopolitismo dos processos artísticos, e a sensibilidade pelas coisas do Brasil... definindo um projeto que elidia as dicotomias do momento, sem negar a posição privilegiada que a música popular ocupava (FAVARETTO, 2007, p.32).” (RIBAS, 2016, pág 62)

Desde a audácia do LP *Sticky Fingers* dos Rolling Stones com zíper de Andy Warhol na capa, instigando à todos a abrir uma calça jeans, e da *Beatlemania* com seus objetos de fetiche - bonecos, camisetas, álbuns fotográficos - a televisão dominava o mercado e a imagem do artista passava a ser endeusada, como um divulgador de opinião. No Brasil temos a influência da Jovem Guarda no primeiro momento como influenciadores, e Oscar Ramos artista plástico e designer gráfico como atuante nessa cena. Nesse universo, o design gráfico tem papel fundamental para a fetichização dos objetos e vai refletir o comportamento transgressor do Tropicalismo, as capas de disco a partir de 1966 assumem seu papel de objeto expressivo.

“A capa de disco é um dos espaços em que o design gráfico mais atua, principalmente num país musical igual ao nosso. De simples envelopes que protegiam os primeiros discos no início do século, as capas se transformaram em embalagens / objetos que podem nos remeter ao conteúdo específico dos discos, registrando graficamente questões comportamentais e estéticas do momento social, além de acompanhar as grandes mudanças da música popular brasileira.” (RODRIGUES, 2007, pág 14)



Considerando a capa de disco como armação no campo gráfico complementar ao conteúdo, conquistando autonomia expressiva, também no campo social, a poesia concreta vê no design gráfico uma estrutura espaço-tempo, um agente estrutural. O espaçamento, as estrelinhas da composição, o Funcionalismo e Concretismo são influências iniciais para o futuro da capa de disco no Brasil e a psicodelia do tropicalismo.

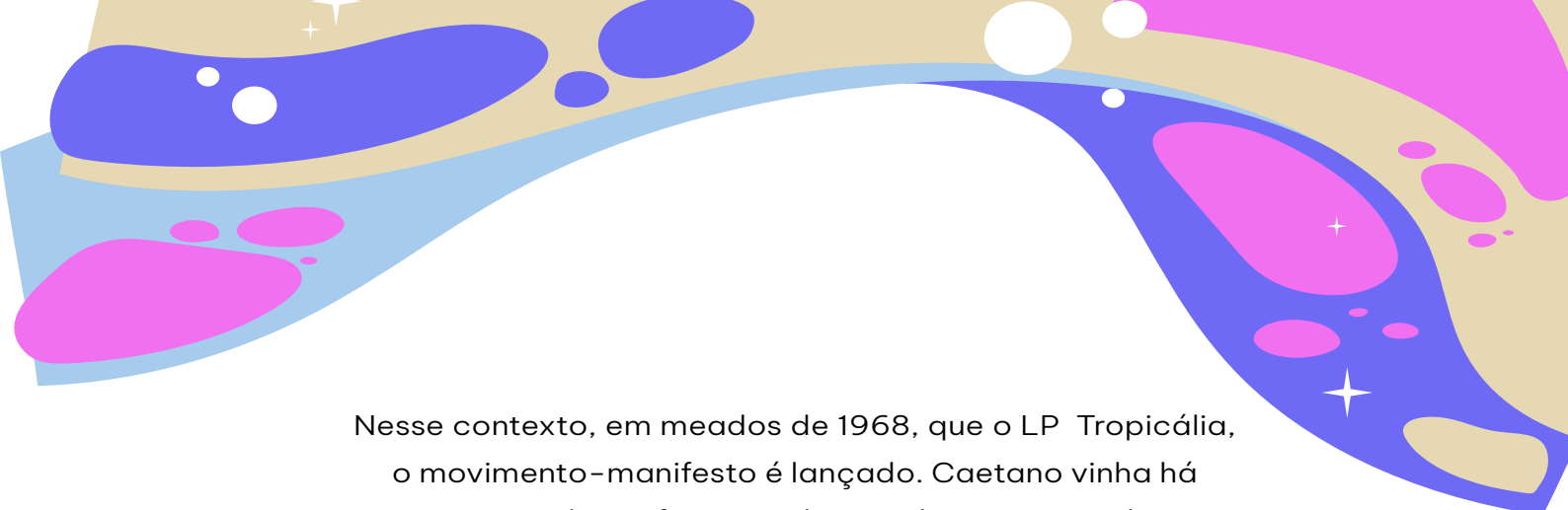
“Segundo Favaretto: Tropicália é uma música inaugural; constitui a matriz estética do movimento. Pressupõe um projeto de intervenção cultural e um modo de construção que são de ruptura. Em linguagem transparente, configura um painel histórico que resulta em metaforização do Brasil. Desenha uma situação contraditória, um contexto desarticulado, presentificando as indefinições do país, em que indiferenciadamente convivem os traços mais arcaicos e os mais modernos. (FAVARETTO, 2000, p.63)”

Foi no III Festival de MPB, em 1967, com os Beat Boys e os Mutantes, que Gil e Caetano plugam suas guitarras pela primeira vez. Misturando a maneira de tocar do jeitinho brasileiro com os acordes metalizados da novidade, estava feita a “geleia geral brasileira”.

“Os tropicalistas abusaram do confronto e da mescla de elementos modernos e arcaicos, elaborando um painel, crítico e de síntese, no qual conviviam guitarras e zabumbas, rock e seresta, bossa e palhoça” (CARMO, 2010, p.68).



Fig. 3. Capa do disco / Manifesto: Tropicália ou Panis et Circensis  
Reprodução. Nuvem arte e crítica  
Disponível em: <https://nuvemcritica.com/2019/01/31/tropicalia-e-as-capas-de-discos-dos-anos-1960/>  
Acessado em 24 fev 2022.



Nesse contexto, em meados de 1968, que o LP Tropicália, o movimento-manifesto é lançado. Caetano vinha há muito pensando em fazer um disco coletivo que explicitasse o caráter de movimento do trabalho do grupo, tendo a capa como metalinguagem do disco. Uma vez lançada a ideia, ele assume a coordenação do projeto. Entre os artistas estavam: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa, Mutantes, Nara Leão, Rogério Duprat e Tom Zé. O maestro Rogério Duprat com seus arranjos levou o álbum como o segundo mais importante disco brasileiro de todos os tempos, segundo a revista Rolling Stone. Para além da música revolucionária com mensagens de mudança, os tropicalistas adentravam nos palcos com cabelos exóticos, roupas extravagantes, arrematando a contracultura brasileira.

“O movimento tropicalista irá influenciar não só pessoas do campo artístico, mas mostrará que se pode dar um passo em direção à liberdade individual de ser e estar” (RIBAS, 2016, pág 63)

O desbunde dos tropicalistas, a liberdade gritada nos palcos e fora deles chamavam atenção da sociedade conservadora, e também da censura militar, que questiona e no seu ato mais duro, no fim de 1968 com o Ato Institucional Número 5 (AI-5), leva a prisão de Gil e Caetano, e no ano seguinte ao exílio para Londres, contribuindo para o fim do Movimento.





# Os Mutantes

A história dos Mutantes começa mais como uma história de um bairro de jovens querendo cantar suas músicas inspirados nos artistas internacionais, com suas bandas de nomes em inglês. Além disso, os irmãos Batista tinham o privilégio de ter no bairro Pompéia uma garagem oficina de guitarras, onde Cláudio César copiava os modelos internacionais dos instrumentos. Das bandas Wooden Faces e Teenage com mudanças de integrantes, a entrada de Rita, em 1966, se forma o lendário trio: Os Mutantes – Arnaldo Baptista, Sérgio Dias e Rita Lee.

Para os irmãos Baptista, o barato era o que vinha do primeiro mundo, como demonstra Calado.

Rita tinha que dar duro para conseguir que Serginho e Arnaldo aceitassem mais a música brasileira. Se ela apresentasse no ensaio uma música de Ray Charles, de Peter, Paul & Mary, um blues ou até mesmo um gospel, tudo bem. Mas se sugerisse a eles um João Gilberto ou um Juca Chaves, já vinha cara feia. Do Brasil, os irmãos Baptista não gostavam de quase nada. (CALADO, 1995, p.94)

Porém, ao mesmo tempo, os festivais da canção estavam acontecendo paralelamente, e o grupo de músicos baianos tropicalistas exaltava o Brasil, misturando referências. Assim, em 1967 Gilberto Gil e Caetano convidam as bandas de rock para acompanhar suas composições, por meio de Rogério Duprat, Gil convida o trio para tocar e Caetano tocou com os Beat Boys.

“Tocar com Caetano e Gil evidentemente deu grande visibilidade aos Mutantes, entretanto a produção de melodias e letras que já antecedia o contato com os tropicalistas e a predileção pelo rock inglês e americano permaneciam em sua essência, fazendo com que eles visassem um rumo para muito além de banda de apoio. Assim, ainda em 1968 os Mutantes gravam seu primeiro disco. A partir de 1970 os músicos Dinho e Liminha passam formalmente a integrar o grupo, onde a cada álbum o Rock and Roll soava mais forte.” (RIBAS, 2016, pag 76-77)





Fig. 4. Capa do disco LP Os Mutantes, 1968

Reprodução. Nosso Quintal

Disponível em: <https://nonossoquintal.com.br/loja/produto/os-mutantes-1968%E2%80%AFacrado%E2%80%AF-%E2%80%AF/>

Acessado em 25 fev 2022.

Que as roupas eram um balangandã contracultural, não é novidade, porém apesar de ousadas pareciam muito mais naturais aos Mutantes, como por exemplo Rita Lee se apresentando em plena ditadura militar com um vestido de noiva que foi “emprestado” da Rede Globo do figurino de Leila Diniz na novela “Sheik de Agadir” ainda assim ornar com seu trio como se fosse apenas mais um vestido. As capas dos discos também eram representativas neste sentido, ou com fotos irreverentes do grupo ou com desenhos e cores psicodélicas.



Fig. 5. Apresentação Os Mutantes, 1969

Reprodução. Glamurama

Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/notas/o-dj-ze-pedro-elencou-10-motivos-para-idolstrar-rita-lee-que-completa-70-este-mes/>

Acessado em 25 fev 2022.

“A estética psicodélica que a Tropicália tinha colocado no seu caldeirão de referências continua a ser vista em algumas capas. O grupo agora chamado apenas Mutantes, no seu quarto disco, já distante da Tropicália, assumindo totalmente o rock, deixa de lado as capas irônicas e alegóricas e faz dois discos totalmente psicodélicos. Em música e comportamento. Em 1971, eles lançam Jardim elétrico. A capa, desenhada por Alain Voss, era uma ilustração de uma planta de olhos bem grandes e muito engraçada, que segundo Calado, “era a estilização de um grande pé de maconha” (Calado, 1995:250)” (RODRIGUES, 2007, pág 105)

O grupo continua seus acordes até a década de 1970, com a influência do rock cada vez mais forte na banda, dando espaço assim para a saída de Rita Lee em 1972.

## Secos e Molhados

Entre o fim da década de 60 e início da de 70, no mesmo bairro da Pompéia em São Paulo, outros dois irmãos, Oswaldo e Celso Vecchione faziam seus covers de Black Sabbath e de Led Zeppelin com a Made in Brasil.

“O Made in Brazil foi banda contratada da Rede Record, onde fizeram inúmeras apresentações na televisão, antes do primeiro disco de 1974. Se os Mutantes eram irreverentes nas roupas usadas nas apresentações, o Made in Brazil além das roupas ousadas, foram pioneiros ao se apresentarem maquiados. O fotógrafo da banda na época, que havia morado em Londres, trouxe em 1969 dois discos do Alex Harvey, artista britânico que se destacou no Glam Rock e que se pintava nas apresentações. Junto dos discos ele trouxe um kit de pinturas circenses que diferente das que vendiam no Brasil, duravam muito mais tempo no corpo” (RIBAS, 2016, pág 80)

Em 1973, João Ricardo, que teria fundado a banda, ao lado do amigo violonista Gerson Conrad conheceu Ney Matogrosso. Artista completo, Ney Matogrosso levou brilho aos palcos. Performático, dono de uma voz aguda, geralmente se apresentava com o abdome amostra enfeitado de badulaques pendurados, roupas extravagantes e o rosto pintado de preto e branco, seu jeito de dançar, mover era única e nunca antes vista. A criatividade da banda vai além dos palcos tendo a capa do disco, onde as cabeças dos integrantes são servidas em uma mesa, com o título de melhor capa da música brasileira pela Folha de São Paulo em 2001.

“O grupo Secos e Molhados, que desponta neste período, também causa grande impacto. Com um visual circense e ao mesmo tempo andrógino, junto a uma música que agradava a senhora e crianças, o grupo conseguiu vender 800 mil cópias no seu disco de estréia. Na capa deste primeiro LP os componentes se apresentam como comida, prontos para serem devorados: numa grande mesa, as cabeças dos integrantes do grupo são servidas junto aos secos e molhados. E no verso, eles aparecem numa janela aberta: uma nova saída?”(RODRIGUES, 2007, pag 110-111)



Fig. 6. Capa do primeiro disco dos Secos e Molhados, 1973

Reprodução. Discogs

Disponível em: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/master/300422-Secos-Molhados-Secos-Molhados](https://www.discogs.com/pt_BR/master/300422-Secos-Molhados-Secos-Molhados)

Acessado em 01 mar 2022.

Conhecidos por ser Glam Rock, tinham influências de vários estilos musicais, misturando música latina com instrumentos regionais brasileiros e as melodias internacionais do rock. A banda também sofreu com a censura da época tendo algumas músicas banidas em seu primeiro álbum, porém mesmo assim, diferente da maior parte das bandas que fizeram parte da Contracultura, os Secos e Molhados fizeram inúmeras apresentações na televisão, até mesmo no Fantástico na Rede Globo.

A formação mais famosa da banda com Ney Matogrosso nos vocais se desfez dois anos depois, em 1974, por desentendimentos internos e a partir daí Ney seguiu carreira solo e João Ricardo seguiu com o grupo, porém aqueles Secos e Molhados nunca mais foi o mesmo.

# Novos Baianos

A Bahia foi importante para a música da Contracultura, além dos tropicalistas, uma nova turma apareceu no cenário pelo sudeste e foi chamada de Novos Baianos. O apelido pegou e logo virou nome da banda dos músicos Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, se juntam a eles a cantora fluminense Baby Consuelo e o cantor Pepeu Gomes.

“Surgido em 1970, além de misturar rock com chorinho, guitarras e afoxés, o grupo divulgou junto com sua música uma nova vida alternativa de vida comunitária e tresloucada, ou novos padrões de família. Isto fez com que muitos jovens partissem para experiências comunitárias. Todos vivendo juntos num mesmo espaço, respeitando o espaço de cada um.”

(RODRIGUES, 2007, pág 106)

Os Novos Baianos foram uma banda com mescla de todos estilos e uma genialidade musical invisa não só pelo Brasil mas também no mundo, gravaram a primeira música “De Vera” em 1969 e o primeiro LP em 70 – Ferro na Boneca. Mas foi o segundo LP, Acabou Chorare, de 1972, que está no topo da lista dos maiores discos brasileiros de todos os tempos, segundo a revista Rolling Stone – o único que está à frente do álbum-manifesto Tropicália ou Panis Et Circenses.

Na capa do LP é possível ver várias fotos do grupo tocando, jogando futebol, abraçando as crianças, vivendo o sonho de cada um que bradava a distopia dos cabeludos

“A capa do segundo disco (álbum), Acabou chorare, reflete este clima. A capa traz o nome do grupo e o nome do disco numa barra vertical junto a uma foto da cozinha da casa. Estampar copo, bules, pratos, colheres e panelas que estão por lavar é mostrar o cotidiano de suas vidas. A cozinha é lugar sagrado, é o lugar do pão nosso de cada dia.” (RODRIGUES, 2007, pag 106)

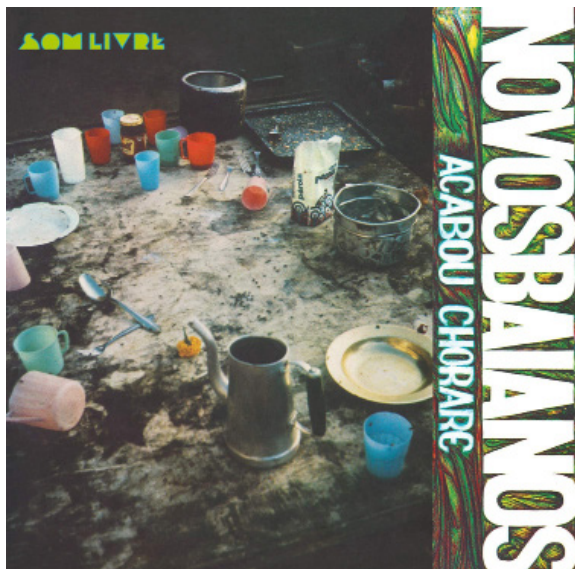


Fig. 7. Capa do LP Acabou Chorare – Novos Baianos

Reprodução. Rolling Stone

Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/acabou-chorare-dos-novos-baianos-o-maior-disco-brasileiro-de-todos-os-tempos/>

Acessado em 07 mar 2022.

Todos ali viveram com um estilo de vida contracultural utópico e invejável, em comunidade, juntos os músicos, seus amigos e famílias. Para a gravação do terceiro LP, o grupo alugou um sítio em Jacarepaguá, Pugialli (2013) nos relata um pouco do dia a dia da vida em comunidade do grupo:

Em plena ditadura militar eles desafiavam as convenções vigentes, pois viviam ‘em comunidade’, vários casais e solteiros, crianças, comunhão total de bens, pois o dinheiro ficava em uma sacola e cada um pegava o que precisava e colocava o troco de volta. Sem recibos, sem cobranças, sem desconfianças. Alto

Astral sempre (PUGIALLI, 2013, p.278)

Durante o período de rigidez da ditadura foram presos, mas continuaram depois com seu sonho utópico dos jovens hippies da contracultura que parecia se concretizar na comunidade dos Novos Baianos. Ao longo da década de 1970 foram oito álbuns gravados dessa maneira. Posteriormente Moraes Moreira se desentendeu com a gravadora e decidiu seguir carreira solo, o grupo segue com Pepeu Gomes liderando até o fim da década de 70. Nas décadas seguintes a formação original se reuniu em apresentações especiais, e em 2015, após 16 anos longe dos palcos fizeram a turnê „Acabou Chorare – Novos Baianos Se Encontram” que terminou em 2018.



# Lado B

# **CRIATIVIDADE**

Um livro de artista para o design gráfico da discoteca básica de  
três grupos brasileiros, 1968-1974

# Munari

Utilizando da metodologia de Bruno Munari, com a analogia da receita culinária do arroz verde, esta etapa de criatividade foi com seu método para resolver esse problema de design. Dentre as etapas estão conhecer seu problema; dividi-lo a fim de entendê-lo melhor; conduzir o processo gradualmente do mais simples para o mais complexo e por fim realizar testes. Munari critica a ideia genial, romantizada, de modo improvisado, e afirma que o método não proporciona ao projetista sair do superficial.

“É por isso bom fazer uma distinção imediata entre o projectista profissional, que tem um método projectual, graças ao qual o seu trabalho é realizado com precisão e segurança, sem perda de tempo; e o projectista romântico que tem uma idéia “genial” e que procura forçar a técnica a realizar algo de extremamente dificultoso, dispendioso e pouco prático mas belo.”

O método proposto em seu livro “Das coisas nascem coisas”, consiste em dez etapas, partindo do problema, e chegando à solução. O autor defende que o método pode ser alterado de acordo com o que o designer encontre, ou seja, valores ou ferramentas que facilitem o processo ou melhorem resultados.





**Exemplo: Problema arroz verde**

DP	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA _ arroz com espinafres para quatro pessoas.
CP	COMPONENTES DO PROBLEMA _ arroz; espinafres; cebola; azeite; sal; pimenta; água....
CD	COLECTA DE DADOS _ alguém já o fez antes?
AD	ANÁLISE DE DADOS _ como o fizeram ; que posso aprender; onde posso aprender?
C	CRIATIVIDADE _ como se pode conjugar tudo de uma forma correcta?
MT	MATERIAIS E TECNOLOGIAS _ que arroz? que tacho? que lume?
E	EXPERIMENTAÇÃO _ prova, ensaio.
M	MODELO _ está quase pronto falta provar.
V	VERIFICAÇÃO _ está bom e chega para 4
DF	DESENHOS CONSTRUTIVOS _ está pronto
S	SOLUÇÃO_ Arroz Verde servido em prato quente

Fig. 8. Metodologia Bruno Munari  
 Reprodução. Coisas de Designer  
 Disponível em: <https://coisasdedesigner.wordpress.com/2011/04/13/hello-world/>  
 Acessado em 10 mar 2022.



## BONS BAISERS

### Murial Bordier

Paris, Filigranes Éditions; Châteaugiron, FRAC Bretagne.

2009. 224 p. ISBN: 978-2-35046-160-1

14 folhetos de 8 postais em caixa de cartão, impressão a cores, 8,6 x 13 cm (formato dobrado), 68,5 x 13 cm (formato desdobrado)

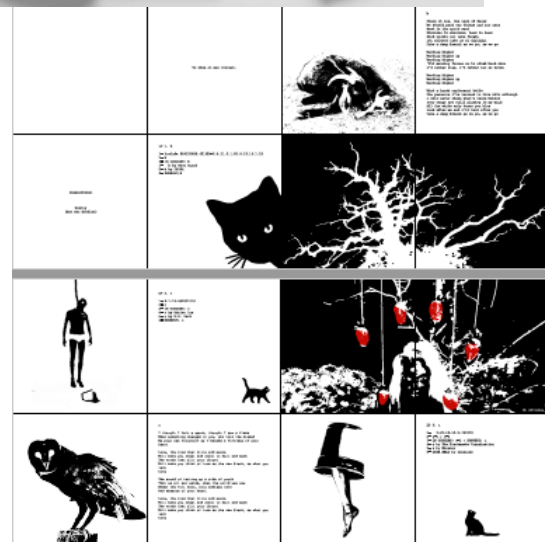
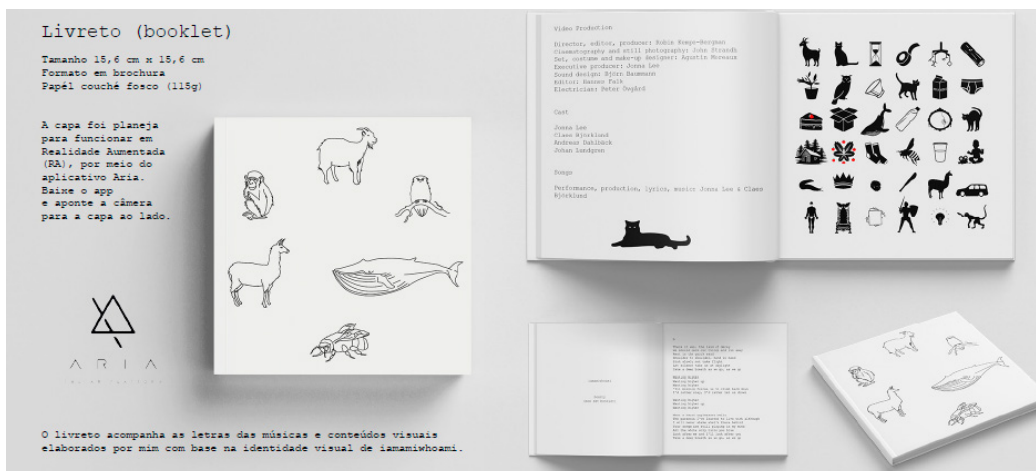
Estas 14 brochuras turísticas revisitam os tradicionais postais e fotos de férias onde os turistas posam em frente aos monumentos essenciais de uma cidade. Muriel Bordier, assim, se teletransporta de um país para outro para um bom beijo de todo o mundo. Para a artista, os turistas são reconhecidos de longe, assim como os monumentos, como as pirâmides ou a Torre Eiffel. Sempre aglomerados e sempre indistinguíveis entre si, os turistas são tão fotografados quanto esses locais e seus ícones.



# IAMAMIWHOAMI-BOUNTY

## Patrick Ferreira

“Este trabalho consiste em uma pesquisa e análise sobre o projeto sueco de audiovisual iamamiwhoami, mais especificamente em sua primeira série chamada “bounty”, lançada em 2010 na internet. Estas serão as bases para a criação de meu projeto que conclui minha graduação em design, onde proponho um novo formato de versão física. Optei por produzir um Box Set, que é uma caixa contendo geralmente coletâneas ou demais produtos do mercado cultural. Para isso também pesquisei sobre estes itens e sobre a história do disco de vinil em geral. Me baseando nos resultados dos fatos encontrados e próprias percepções sobre os artistas escolhidos, decido dividir esse debut em seis partes, cada uma contendo os elementos da identidade traçada na pesquisa. Estas partes irão compor o Box juntamente com outros produtos desenvolvidos, findando em um objeto final, um prêmio.”





# Geração de Ideias

box 5 capas	3 grupos musicais	1 livro de artista	psicodelia		
unidos no box com os discos	encarte do lp	encaixe costura	curvas degrade holografico		
ficar de pé	alça/ cinta / capa acetato?	4 capítulos/ temas	concertina	colagem	
	bichos transa	bolsinha transparente bolso costurado	pasta arquivo sanfonada	linha laço	colorido
		capa firme	cor dos discos e do livro		

Envolver tudo isso em um Livro de artista em formato de encarte de LP, inspirado nas capas dos discos dos Os Mutantes, dos Novos Baianos e dos Secos e Molhados. O formato de suporte para LP junto de uma concertina que permite uma leitura panorâmica do comportamento dos jovens, através do livro de artista, o pastiche, design gráfico brasileiro, parangolé.

# Moodboard



A fim de buscar referências para o formato, um conjunto de imagens foram reunidas. Os princípios da tridimensionalidade, da transparência e o formato de concertina prevaleceram.







## Paleta de Cores



De acordo com o moodboard, e com as capas dos discos selecionados, a paleta de cores foi escolhida com cores alegres, que remetem a juventude e a psicodelia. Com menos saturação, a paleta foi desenvolvida para não causar conflito com as imagens da composição.

# Tipografias



## **A ABSTRACT GROOVY**

### **APICE**

Arodora Pro

Be Vietnam Pro

### **Berlin Sans FB Demi**

### **Elephant**

### **Engram-Heavy**

### **Keep on Truckin**

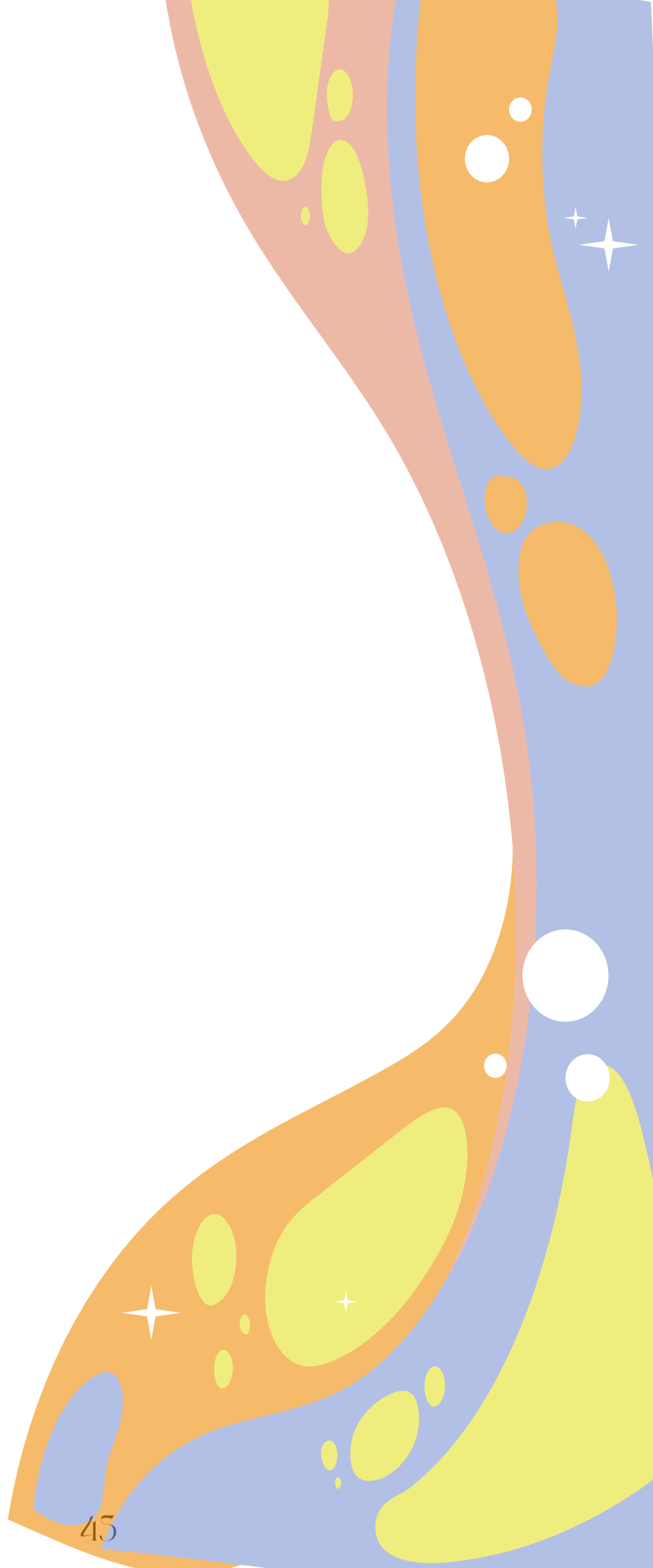
PS-Aelyn

Com inspirações sessenta e setentistas, as tipografias são todas contemporâneas e em sua maioria são sem serifa, equilibrando entre o bold e o thin. As tipografias escolhidas foram Abstract Groovy, Apice, Arodora Pro, Be Vietnam Pro, Berlin Sans FB Demi, Elephant, Engram-Heavy, Keep on Truckin e PS-Aelyn.

## Elementos Gráficos

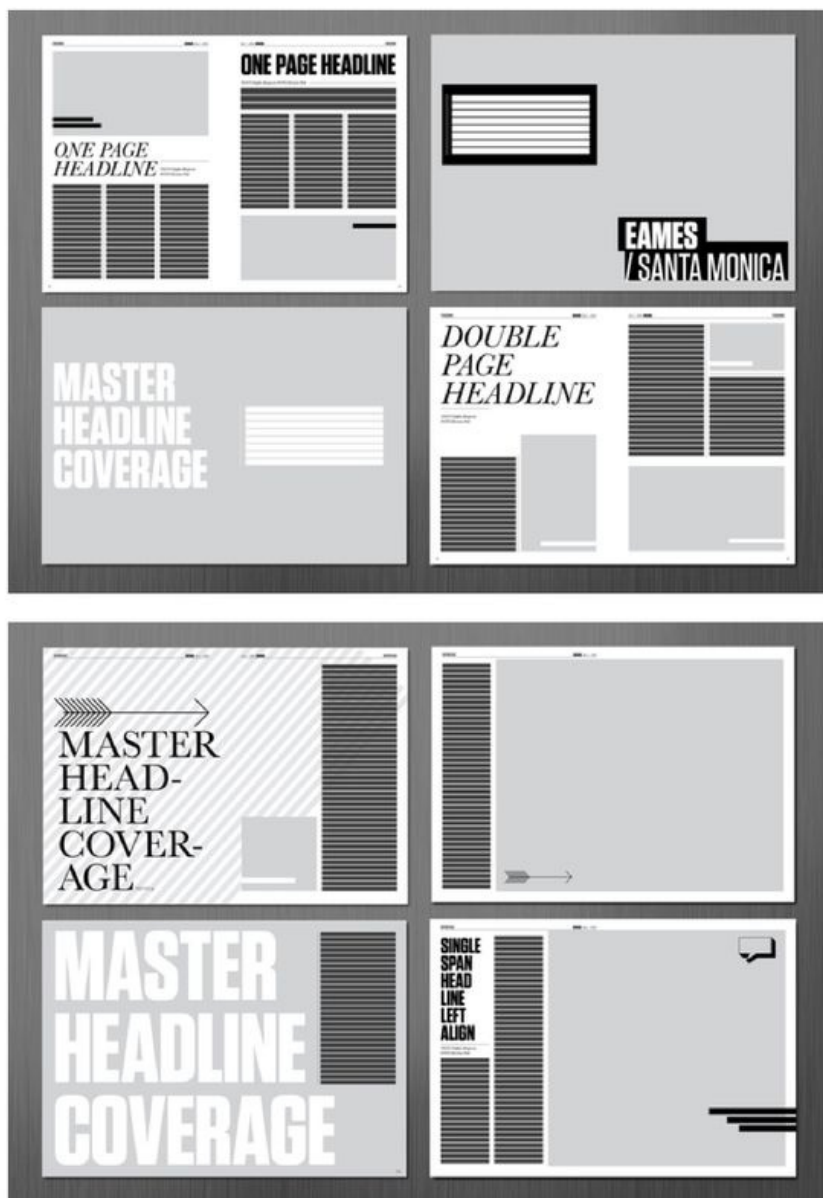


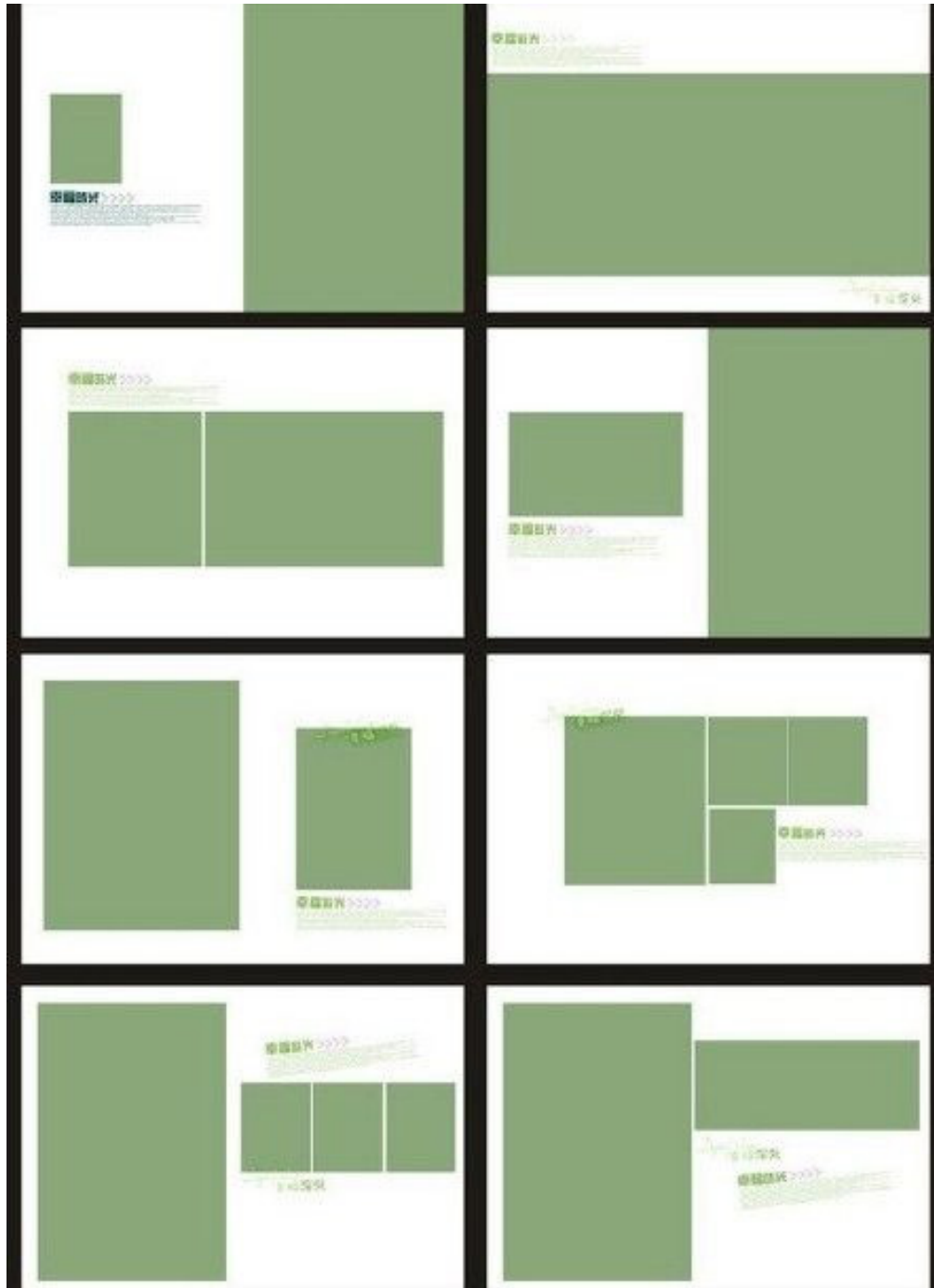
Para compor o livro, foram feitas ilustrações gráficas digitais, com intervenções e interações com as fotografias e tipografias do livro. Cada ilustração representa um pouco de cada grupo musical, das letras de música, seguindo a estética retrô futurista psicodélica.



# GRID

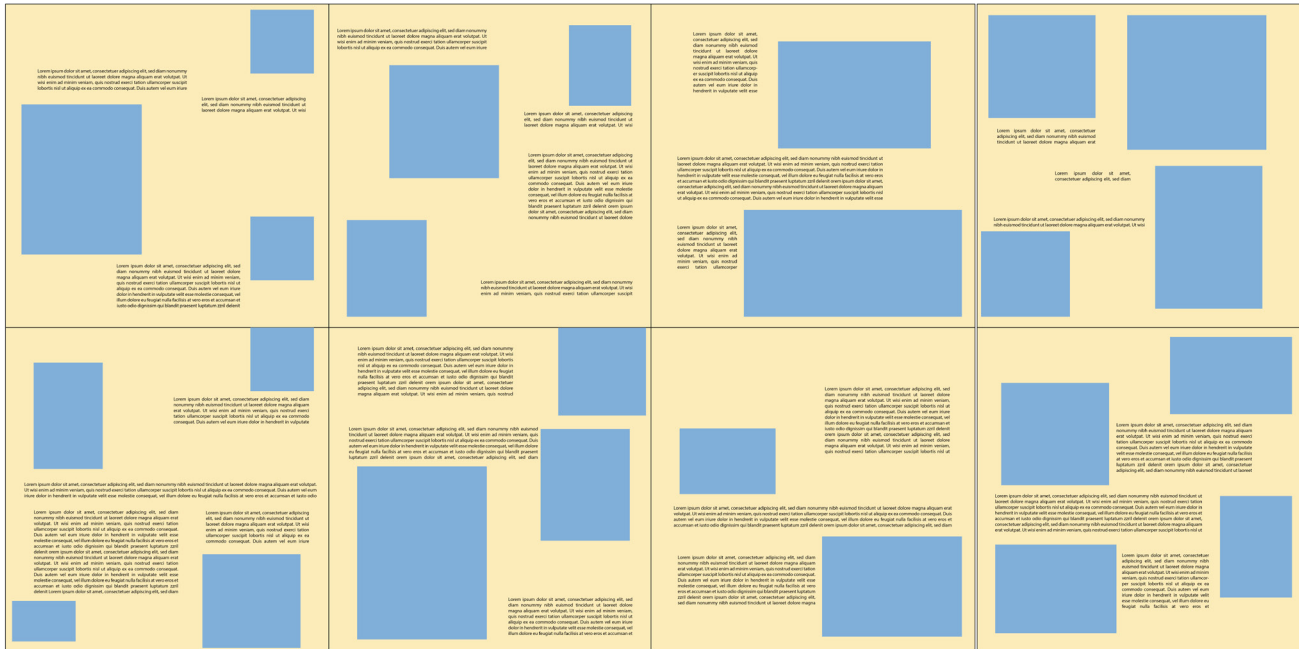
Composições horizontais com tipografias em destaque foram referências.







# Composição

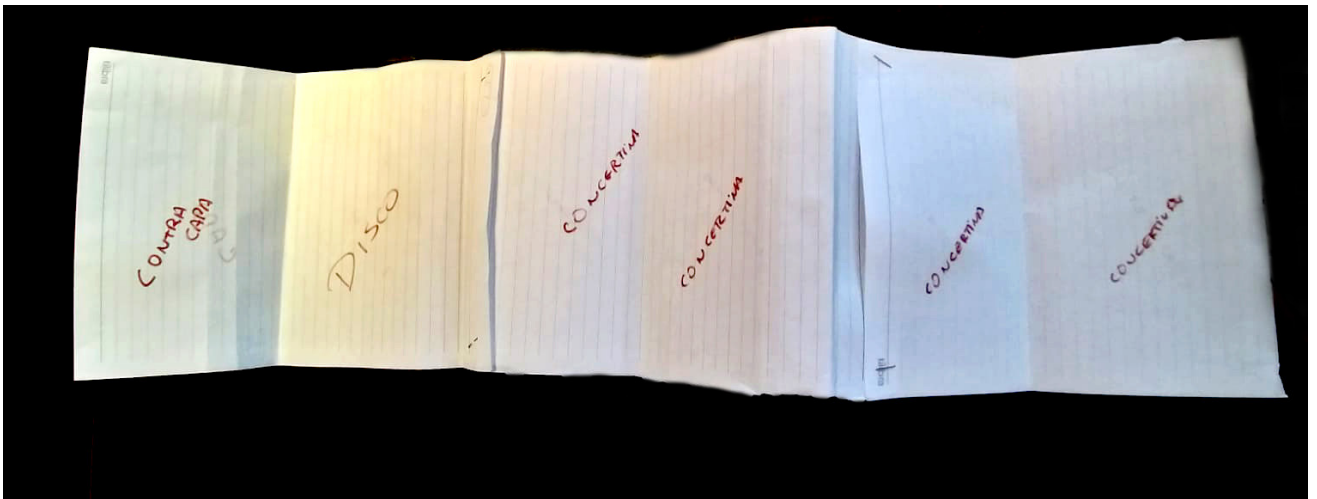
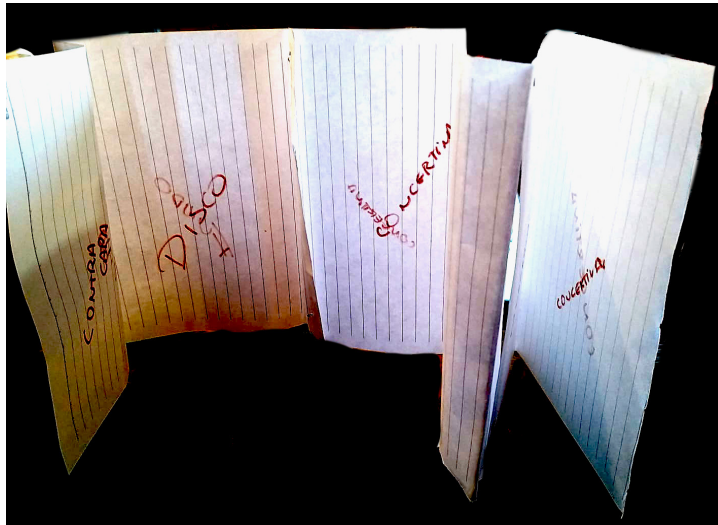
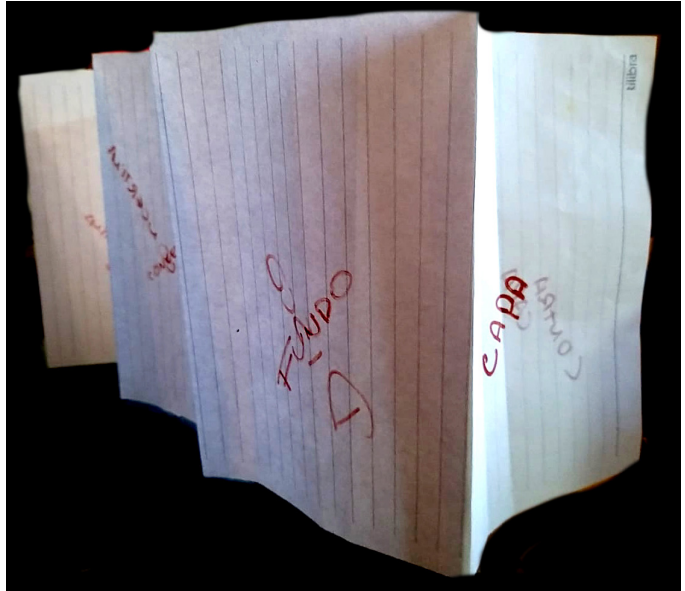
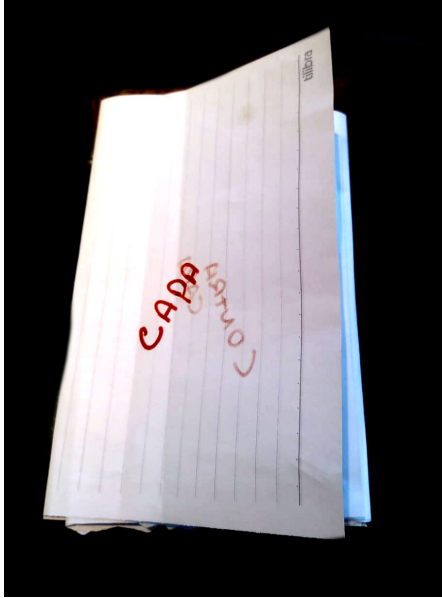


Na composição, foram pensados formatos horizontais espaçados, trabalhando o espaço vazio e os blocos de caixas de texto em espaço

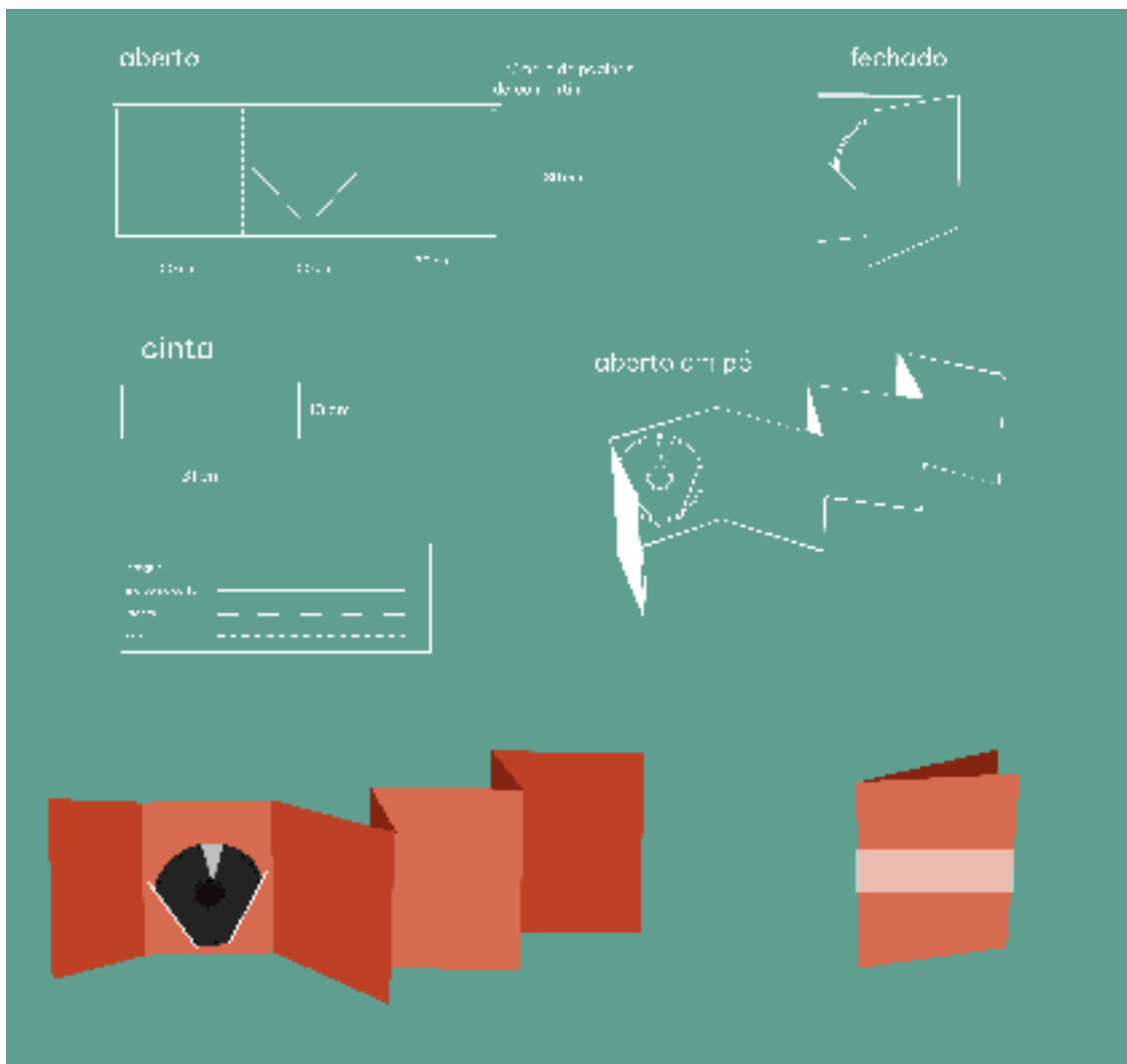




# Bonecos Físicos



# Desenho / Prototipagem





## **Memorial descritivo técnico**

O formato escolhido foi a concertina, única e unindo o disco ao livro. Para a composição principal foi utilizado o papel couchê gramatura 115g, impresso; Já para a separação do disco da contracapa foi utilizada um papel manteiga 40g, para a estrutura do disco, foi reaproveitada uma capa de LP antiga, um papelão já mais fino, gasto pelo tempo - o disco se encaixa em um recorte nessa parte. Fechando com a cinta transparente de papel vegetal 60g para manter unidas todas as páginas e o disco de vinil de 25 cm, um pouco menor que o tradicional de 33'.

## Conceito

O desbunde define bem como a Contracultura era um grito de-sabafado da juventude reprimida pelos militares no poder. O lema do sexo, drogas e rock and roll vai muito além da liberdade, mas da necessidade de um deboche, de uma maneira de escapar tudo aquilo que eles pensavam metaforicamente. Além das letras de músicas, os discos ficaram táteis, com dobras, coloridos, tipografias, pinturas, fotos, colagens, fotolitos e todos artificios e artimanhas que as décadas permitiam sem as tecnologias digitais atuais. Essa artesanidade vem desde Hélio Oiticica em Tropicália, nome-mãe do movimento que é disco mas também são várias bandas, é pastiche, é tecido, textura, Brasil.



# Livro de Artista







# Projeto







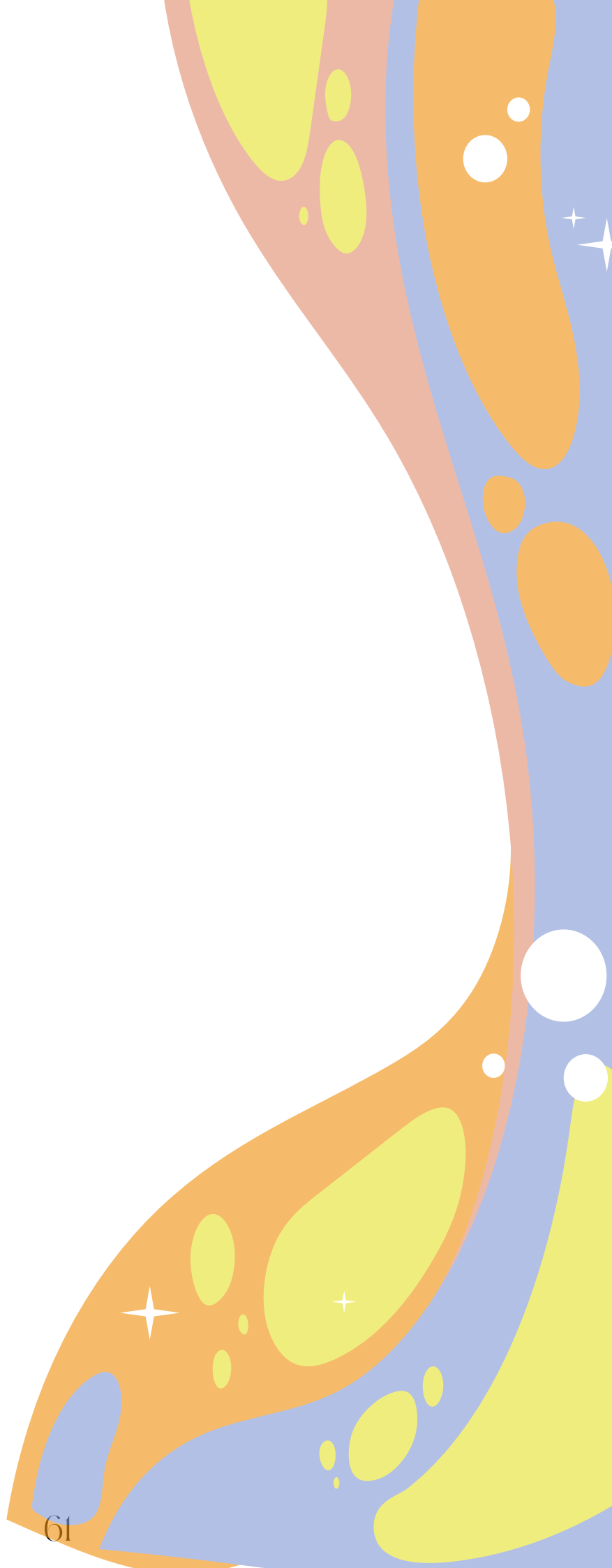


**aperte o play**

## Considerações Finais

Com essa pesquisa concluímos que o movimento contracultural se dá inicialmente pela necessidade de viver uma vida diferente daquela que estava imposta pela sociedade da época. No Brasil, o pensamento começa com a influência do exterior das guitarras elétricas do Rock and Roll e dos festivais hippies em Woodstock, mas ganha sede de uma mudança ainda maior com a intervenção militar. Viver em comunidade, se vestir com liberdade, cantar Carcará e não Um barquinho no meio do mar, pintar os rostos era a rebeldia da juventude da época. Juventude do desbunde, ser marginal era ser herói, a autenticidade dos grupos musicais chamavam tanta atenção que tentaram silenciá-los. Mas a marca de melhores discos brasileiros ainda está na renomada Rolling Stone, e é inegável tamanha história esses artistas fizeram, tanto que por mais de cinquenta anos depois ainda estudamos a irreverência e originalidade que aquela geléia geral trouxe como identidade para o país.

Os tropicalistas, os contraculturais deixaram um legado perpétuo para todas as gerações de brasileiros, mesmo as mais recentes, ainda perdidas no mar de informações, que a riqueza cultural não morre, atenção para o é preciso estar atento e forte.



# Referências Bibliográficas

ALCANTARA, C. **O autor entre o sujeito: modos de subjetivação no fazer do Livro de artista**. Dissertação (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ARAÚJO, Bruno. **Lindo Sonho Delirante vol.1: 100 discos psicodélicos do Brasil (1968-1975)**. poeira Press, poeira Zine, São Paulo, 2016.

COSTA, Cacilda Teixeira; FABRIS, Annateresa. **Tendências do Livro de Artista no Brasil: catálogo**. Centro Cultural de São Paulo, Divisão de Artes Plásticas. São Paulo, 1985. Catálogo da exposição Tendências do Livro de Artista no Brasil, de 16 de maio a 23 de junho de 1985.

MUNARI, Bruno. **Das Coisas Nascem Coisas**. São Paulo. Martins Fontes, 2002

NANNINI, Priscilla B. Ramos. **Livro de artista e o universo das palavras: Mira Schendel e Torres García**. II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016

PLAZA, Júlio. **O Livro como forma de Arte**. Arte em São Paulo (Revista de Artes Plásticas, Universidade de São Paulo,). São Paulo, 1982  
ARAÚJO, Bruno. **Lindo Sonho Delirante vol.1: 100 discos psicodélicos do Brasil (1968-1975)**. poeira Press, poeira Zine, São Paulo, 2016.

RIBAS, Rafael Malvar. **Contracultura Musical Brasileira: Movimentos e Particularidades**. - 2016. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016

RODRIGUES, Jorge Caê. **Anos Fatais: Design, Música e Tropicalismo**. Rio de Janeiro: Novas Ideias 2AB, 2007.



**ARTE, DELÍRIO E TRANSGRESSÃO: AS CAPAS DE DISCOS DO BRASIL PÓS-TROPICALISTA.** MASP.2021 Disponível em: <https://masp.org.br/palestras/arte-delirio-transgressao> Acesso em: 18 jan. 2022.

**Livro resgata 100 discos psicodélicos brasileiros.** Gazeta Online, 2016. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2016/12/livro-resgata-100-discos-psicodelicos-brasileiros-1014008034.html> Acesso em: 24 jan. 2022.

**Lindo Sonho Delirante.** Poeira Zine, 2016. Disponível em: <https://www.poeirazine.com.br/loja/lsd/> Acesso em: 24 jan. 2022.

**Tropicália e as capas de discos brasileiros dos anos 1960.** Nuvem arte e crítica , 2019. Disponível em: <https://nuvemcritica.com/2019/01/31/tropicalia-e-as-capas-de-discos-dos-anos-1960/#:~:text=Tropic%C3%A1lia%20ou%20Panis%20et%20Circenses,universo%20pl%C3%A1stico%20ao%20universo%20musical.> Acesso em: 28 fev. 2022.

